



SONHOS: CINEMA E PSICANÁLISE

Área Temática: Cultura

Liliane Seide Froemming¹ (Coordenadora da Ação de Extensão)

Autores: Liliane Seide Froemming, Amadeu de Oliveira Weinmann², Sofia Tessler de Sousa³ e Juliana Milman Cervo⁴

Palavras-chave: sonhos, cinema, psicanálise.

Resumo: o projeto *Sonhos: cinema e psicanálise* é uma atividade do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Cinema (NUPPCINE), que visa analisar os diversos recursos adotados por diretores de cinema, com o intuito de transpor para as telas a vida onírica. Tal atividade promove a apresentação mensal de um clássico do cinema e, ato contínuo, o debate do filme. Até o momento, trabalhamos três das oito películas selecionadas. As reflexões têm sido muito ricas, com intensa participação do público. Questões referentes à técnica cinematográfica, à teoria e à clínica psicanalítica, à colocação em imagens de temas complexos (como a morte e o voyeurismo, por exemplo), assim como os efeitos subjetivos dessa mídia do século XX, dentre outras, têm sido comentadas.

Psicanálise e cinema são contemporâneos. Ambos nascem ao apagar das luzes do século XIX e trazem, para o século que imediatamente irá se abrir, novas formas de ver, pensar e tornar-se sujeito. E tanto psicanálise, quanto cinema demonstram enorme fascínio, desde seus primórdios, pelos sonhos.

O cinema é dito ser uma fábrica de sonhos e a psicanálise entende os sonhos como a via régia de acesso ao inconsciente. Na década de 1920, Robert Desnos já escrevia artigos articulando sonho e cinema, dizendo que sonhar é um dom com o qual nenhum filme pode competir em termos do imprevisível, do trágico posto em cena na aventura do sonhador. Será que esta afirmação se sustenta ante a produção cinematográfica das últimas décadas? Desnos recomendava aos cineastas registrar minuciosamente seus sonhos como matéria-prima para a composição de seus roteiros. Ir à sala escura do cinema é expor-se a uma espécie de sono artificial, é entregar-se às fantasias.

Para esta atividade de extensão, selecionamos oito filmes que contêm sonhos em suas narrativas. São eles: *Segredos de uma alma* (1926), de Georg Pabst;

¹ Professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia/UFRGS. E-mail: lilifrom@portoweb.com.br.

² Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia/UFRGS.

³ Estudante de Psicologia/UFRGS.

⁴ Estudante de Psicologia/UFRGS.

Spellbound – quando fala o coração (1945), de Alfred Hitchcock; *Morangos silvestres* (1957), de Ingmar Bergman; *O espelho* (1975), de Andrei Tarkovski; *Cría cuervos* (1976), de Carlos Saura; *A outra* (1988), de Woody Allen; *Sonhos* (1990), de Akira Kurosawa; e *Eros* (2004), de Michelangelo Antonioni, Steven Soderbergh e Wong Kar-Wai. Nosso objetivo é analisar os diversos recursos fílmicos utilizados pelos diretores dessas obras para transpor para a tela a vida onírica.

Nossa hipótese é a de que, em suas criações, tais cineastas lançam mão dos processos psíquicos descritos por Freud em *A interpretação dos sonhos*, quais sejam, a condensação, o deslocamento e a figuração de pensamentos complexos. Evidentemente, a arte nada deve à teoria. É a psicanálise que, por meio de um exame detido das elaborações artísticas, repensa seus conceitos. E essa é a meta final desta atividade. Por meio da investigação dos processos narrativos oníricos dos filmes mencionados, pretendemos lançar novas luzes sobre a concepção de sujeito contemporâneo, com a qual trabalhamos.

Em termos metodológicos, nossa atividade opera do seguinte modo. De abril a novembro, organizamos sessões mensais, nas quais são exibidos e, imediatamente, debatidos os filmes selecionados. Como debatedores, convidamos sempre dois professores por filme, sendo um da área da psicanálise e outro das artes e ciências humanas: psicologia social, artes visuais, cinema, letras, educação, comunicação, história, dentre outras, têm sido as áreas que convidamos para fazermos uma interlocução que tem se demonstrado profícua, até o momento. Uma vez exibido o filme, os professores debatedores aportam suas reflexões e, em seguida, abre-se o debate para a participação do público.

No que concerne ao nosso público, ele tem sido extremamente variado. Há profissionais e estudantes de diversas áreas: psicanálise, psicologia, medicina, educação, artes, ciências sociais, letras, cinema, etc. E esse público, que não fica abaixo de uma centena de espectadores, tem se mostrado enormemente interessado no que propomos, haja vista não apenas a intensa participação nos debates, mas também a profícua interlocução com as bolsistas da atividade, as quais são solicitadas a fornecer material bibliográfico que auxilie na problematização conceitual da filmografia exibida.

No que diz respeito a seus resultados (parciais, uma vez que a atividade está em andamento), a reflexão acerca dessas obras primas, que são os filmes selecionados, têm sido extremamente rica, demonstrando o acerto da proposição de Gilles Deleuze, para quem o cinema – diferentemente da filosofia, que pensa por conceitos – pensa por imagens. E nisso também o cinema aproxima-se dos sonhos, que são, nas palavras do fundador da psicanálise, expressão de pensamentos inconscientes. Dentre outras questões, suscitaram especial interesse, até o momento, a que diz respeito à possibilidade de colocar em imagens um tratamento psicanalítico, o qual se sustenta na palavra (problema decorrente das proposições de *Segredos de uma alma*), a dos objetos, focados pela câmera e que parecem convocar-nos a olhá-los – em outras palavras, a assumir a posição de voyeurs (questão suscitada por *Spellbound*) e a dos recursos fílmicos utilizados para pensar algo que, afinal, nunca experimentamos, pois consiste precisamente na condição de



impossibilidade de uma experiência: a morte (formulação inspirada por *Morangos silvestre*).

Enfim, se os sonhos contêm algo de irreduzivelmente incompreensível – Freud chamava-o de o umbigo dos sonhos – há nas reflexões realizadas até o momento a sensação de que muito ainda pode ser pensado, resultando em um movimento de inquietação permanente, que nos reposiciona diante da vida. E isso porque os sonhos, em vez de consistirem em um reino da fantasia, absolutamente longínquo de nossa realidade cotidiana, formam-se da matéria mais sólida em que se sustenta a nossa existência. Não é diferente com o cinema, para os sujeitos do século XX e deste que recém principia.

Referências

- DELEUZE, Gilles.** *A imagem-tempo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DELEUZE, Gilles.** *A imagem-movimento*. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- FREUD, Sigmund.** La interpretación de los sueños (1900). In: *Sigmund Freud: obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. v. 4 e 5.
- FROEMMING, Liliane.** *A montagem no cinema e a livre-associação na psicanálise*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 176f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- METZ, Christian.** *O significante imaginário: psicanálise e cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- METZ, Christian et al.** *Psicanálise e cinema*. São Paulo: Global, 1980.
- RIVERA, Tania.** *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SILVA Fº, Antonio.** *Cinema, literatura, psicanálise*. São Paulo: EPU, 1988.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne.** *Ensaio sobre a análise fílmica*. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- WEINMANN, Amadeu.** Um olhar para o século XX. In: *Correio da APPOA*, n. 207, p. 25-30, nov., 2011.
- ZIZEK, Slavoj.** *Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ZIZEK, Slavoj (Org.).** *Todo lo que usted siempre quiso saber sobre Lacan y nunca se atrevió a preguntarle a Hitchcock*. Buenos Aires: Manantial, 2010.